

A participação de mulheres no esporte universitário: um campo em disputa

*Jaqueline Cardoso Zeferino**

*Marisa Barletto***

*José Geraldo do Carmo Salles****

Resumo: O artigo é parte de uma dissertação de mestrado, fundamentada nos estudos de gênero e na história oral e busca problematizar, a partir das trajetórias de vida de nove ex-atletas da década de 1970, a participação de mulheres no esporte universitário viçosense. Constituem-se os fios condutores das narrativas as relações construídas no universo esportivo universitário, um espaço concebido por homens e para homens. Estas relações foram organizadas por sistemas normativos que regularam sujeitos, corpos e práticas no interior da instituição criando um ambiente de negociações e disputas no qual homens e mulheres engendraram suas histórias.

Palavras-chave: Mulheres. Esporte. História oral. Identidade de Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma dissertação¹ que investiga a participação de mulheres esportistas em uma universidade rural mineira ao longo década de 1970. Tal período compreende mudanças profundas no espaço acadêmico: a federalização da Universidade do Estado de Minas Gerais (UREMG), passando à Universidade Federal de Viçosa (UFV); a criação do curso de Educação Física; e

*Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: jaqueline.zeferino@ufv.br

**Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: barletto@ufv.br

***Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: jgsalles@ufv.br

¹ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. Os Caminhos da Memória: trajetórias de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970. 190 f. 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFV, Viçosa, 2010.

a instituição da obrigatoriedade da prática de educação física para todos e todas estudantes do ensino superior no país. Pretende-se com este texto mostrar que as mulheres esportistas que ingressaram na UFV na década de 1970 foram agentes ativas na reordenação simbólica das relações de gênero do espaço universitário e destacadamente no espaço esportivo.

Em 1926, sob inspiração do modelo norte americano dos Land-Grand Collegs, foi fundada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV) que se definiu historicamente, nas palavras de Lopes (1995), pelo conjunto de conhecimentos das Ciências Agrárias, um saber por excelência masculino. A implantação da ESAV trouxe para a cidade e para o campus as marcas da modernização agrícola contribuindo para a construção e valorização de novas práticas sociais, entre elas a esportiva, que dialogava com o ideal republicano de um corpo forte, disciplinado, métrico e moderno.

Em 1948 a ESAV se transforma em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) através da criação da Escola Superior de Ciências Domésticas, uma ciência de e para mulheres (LOPES, 1995).

Até a década de 1960, as atividades físico-desportivas compunham, juntamente com o rigor disciplinar, a cooperação e a responsabilidade pessoal, o conjunto de ações pedagógicas do projeto educacional da Universidade. Os discursos circulantes na instituição orientavam a normatização dos usos dos corpos. Mesmo não sendo homogêneos, estes discursos atravessaram décadas ditando padrões de feminilidade e masculinidade e organizando as experiências esportivas das mulheres na instituição. Desse modo, desde a criação da ESAV, homens e mulheres, funcionários, funcionárias, discentes e docentes participavam da vida esportiva universitária. Entretanto, a maneira como se organizou o espaço esportivo no interior da instituição revela o lugar secundário e inferior da mulher nesse universo eminentemente masculino.

Assim, as relações de gênero foram tecidas historicamente, organizando o esporte universitário enquanto um campo eminentemente masculino. A participação de mulheres e homens nesse cenário esteve, desde os momentos iniciais, prevista e fixada em atividades específicas. Ao corpo do homem, másculo e agressivo, destinaram-se os esportes coletivos, de contato físico, as lutas, o movimento explosivo a competição. Aos corpos femininos coube portar bandeiras, praticar o voleibol, natação e exercitar-se na ginástica com um objetivo bem definido: produzir um corpo saudável, fértil e feminino. Logo, os corpos foram organizados não pela diferença biológica ou anatômica em si, mas, pelos múltiplos discursos de feminilidade e masculinidade construídos em torno destas diferenças.

A inserção de mulheres no esporte universitário viçosense se deu em meados dos anos de 1960 pelas estudantes da Escola Superior de Ciências Domésticas que portavam bandeiras nos desfiles de abertura das Olimpíadas Internas e praticavam modalidades como o voleibol e a natação que não colocavam em risco a feminilidade e as funções reprodutivas das estudantes.

Com a criação do curso de Educação Física, jovens mulheres esportistas da região da zona da mata mineira encontraram na UFV uma opção de formação universitária. Ao ingressarem, começaram a se destacar nos espaços esportivos e a desestabilizar alguns dos marcadores de gênero até então hegemônicos. Com esses novos desenhos no espaço universitário, a prática de educação física obrigatória permitiu que outras mulheres universitárias pudessem desenvolver interesse pelo esporte universitário, fortalecendo as equipes femininas.

Essa reordenação do espaço esportivo universitário marcado pelas relações de gênero implicou diretamente uma reordenação das relações de poder envolvida nas práticas esportivas em diferentes níveis. Com a federalização da Universidade, em 1968, as Olimpíadas internas transformaram-se em Jogos Universitários e sob a égide do

congraçamento entre as equipes, solidificavam, a cada edição, as representações sobre o esporte e sobre a participação de homens e mulheres no cenário esportivo.

O esporte universitário viçosense constituiu-se nos anos de 1970 em um campo de disputas traduzidas nos acirrados Jogos Universitários, na concorrência pela captação de patrocínio entre as equipes femininas e masculinas, e também disputas em torno de representações de feminilidade, masculinidade e de produção de identidades. Nesse espaço esportivo, circulavam múltiplos sentidos, símbolos, subjetividades, representações, discursos e poderes que regularam de diferentes maneiras os grupos, instituindo lugares sociais a serem ocupados por uns e por outros.

Assim, a discussão proposta no presente artigo é resultado de um trabalho de pesquisa centrado na análise das narrativas das trajetórias de nove mulheres esportistas que ingressaram na UFV na década de 1970. A utilização do método de história oral e dos estudos de gênero articulada ao conceito de memória ofereceu, a partir das trajetórias de vida esportiva das entrevistadas, elementos para a compreensão da participação feminina no esporte universitário viçosense, que por sua vez mostraram que o modo como elas se inseriram nas práticas esportivas contribuiu significativamente para a desnaturalização das diferenças/desigualdades de gênero no espaço esportivo universitário.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A produção das informações da pesquisa se deu por meio de entrevistas de histórias de vida esportiva² de nove ex-atletas das modalidades de voleibol, handebol, natação e atletismo da década de 1970. O critério de seleção das entrevistadas foi o destaque de suas trajetórias de vida esportiva identificadas nos jornais institucionais "Informativo UREMG" e "UFV Informa", que noticiaram mensalmente todos os eventos esportivos da Universidade no período

²DELGADO, 2010.

em questão. As reportagens evidenciaram o pioneirismo destas mulheres que com suas ações de vanguarda conquistaram cargos esportivos, prêmios e recordes em um campo historicamente de domínio masculino.

As fontes orais foram dialogadas com as reportagens dos jornais consultados e com os documentos oficiais (atas e boletins) da Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVÉ) e fontes iconográficas do Arquivo Central Histórico da UFV³. A partir desses documentos despontaram dez mulheres⁴ que além de serem atletas de destaque na instituição, tinham em comum o fato de serem atletas antes de ingressarem na Universidade. Esse critério foi importante por constituir um diferencial no modo de construção da trajetória no esporte universitário, de modo que a identidade de atleta já estava dada nessas mulheres, o que permitiu reivindicar esse lugar no espaço da Universidade.

As entrevistas foram realizadas na residência das entrevistadas, com exceção de duas que escolheram o local de trabalho. Tendo como referência a metodologia de história oral, a situação de entrevista consistiu na apresentação dos objetivos da pesquisa, do termo de livre consentimento e a utilização de um roteiro de entrevista.

No agendamento dos encontros foi solicitada a cada entrevistada a apresentação de seus arquivos pessoais sobre a trajetória de vida esportiva. Durante a entrevista estes arquivos foram apresentados à pesquisadora que também mostrou às entrevistadas os arquivos dos jornais, os documentos da Liga Universitária e as fotografias do Arquivo Central Histórico da UFV. Esse contexto de entrevista mediado por esses materiais permitiu um diálogo bastante intenso sobre as experiências dessas trajetórias, que por sua vez se apresentaram como fio condutor do trabalho de investigação sobre a história do esporte universitário viçosense tendo gênero como categoria de análise.

³A análise das fontes iconográficas não é desenvolvida no presente artigo e encontram-se no trabalho de dissertação citado anteriormente.

⁴Das dez mulheres entrevistadas, apenas uma não autorizou a publicação dos dados. Por esta razão o presente trabalho foca a análise em nove trajetórias de vida esportiva.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e o texto adequado para as normas de linguagem (copidesque). Em seguida, foi realizada a "transcrição" textual (MEIHY 2005; DELGADO, 2010) e enviado o texto a cada uma das entrevistadas que puderam acrescentar ou suprimir partes para a versão final.

O perfil das nove entrevistadas consiste em mulheres atletas, que ingressam na universidade na década de 1970, nos cursos de Economia Doméstica (2) e Educação Física (7). Dessas atletas, duas são de Belo Horizonte e as outras sete são da Zona da Mata mineira (Miraf, Viçosa, Juiz de Fora e São Miguel do Anta).

O roteiro de entrevista buscou enfatizar a narrativa sobre o ingresso no esporte universitário e as experiências nos eventos esportivos e na Liga Universitária. Dada essa estrutura inicial, as narrativas das entrevistadas reconstruíram sentidos e significados das muitas experiências que desenharam suas trajetórias. Nesse contexto biográfico foram indicados acontecimentos, sujeitos e relações que, segundo sua análise, definiram os percursos da participação feminina no esporte universitário, marcados por relações poder nas quais a dimensão de gênero foi central. Assim, a análise esteve focada na reconfiguração da participação da mulher nos jogos universitários e na Liga Universitária de Esportes que tiveram como base os jogos de poder dentro de um campo de disputa sobre as práticas corporais legitimadas para as mulheres e especialmente do lugar destas no espaço simbólico produzido para os homens e pelos homens.

3 TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS

A década de 1970 constitui o marco da ampliação da participação feminina no esporte universitário viçosense. Este período foi caracterizado pela obrigatoriedade da prática de Educação Física universitária, pela federalização da Universidade e pela implantação de novos cursos, inclusive o de Educação Física criado em 1975.

A inserção de mulheres nesse espaço esportivo, concebido por homens e para os homens, segundo princípios de disciplina, força, agilidade, competitividade gerou uma nova configuração das relações e das práticas no interior da instituição. A chegada de um número expressivo de mulheres na Universidade a partir de 1970 forçou os portais e criou fissuras na estrutura esportiva universitária, desenhando novos contornos para o esporte universitário viçosense.

Uma multiplicidade de contextos foi expressa nas narrativas das mulheres entrevistadas que traziam em comum um espaço social dominante em suas trajetórias de vida: o esporte universitário.

Para Bourdieu (2002, p. 189), a construção da noção de trajetória é como "uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações". Nesse sentido, os acontecimentos biográficos deslocam-se no espaço social de uma posição a outra, o que para o autor equivale dizer que:

Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2002, p. 190)

Essa reflexão coloca o sujeito numa posição de agente que interfere nos diferentes espaços e contextos sociais pelos quais transita dialogando suas experiências com o que Halbwachs (2006) chamou de quadros sociais da memória. Ao olharmos para as trajetórias de vida de mulheres esportistas nos anos de 1970, o que nos interessou foi identificar os modos pelos quais elas se inseriram no esporte universitário viçosense, e a maneira como estas trajetórias de vida esportiva dialogavam entre si, inserindo a memória individual de cada entrevistada na memória do grupo. Buscamos compreender

também como os atravessamentos de gênero marcaram estas trajetórias posicionando estas mulheres em locais específicos no cenário esportivo universitário.

As lembranças sobre a participação de mulheres no universo esportivo retomam, além de sentimentos e emoções, relações e experiências comuns próprias dos grupos de referência aos quais estas mulheres estavam vinculadas. Essa noção de memória construída em grupo, sendo ao mesmo tempo coletiva e do sujeito, ancora-se nos argumentos teóricos de Halbwachs (2006). Portanto, para as mulheres entrevistadas, lembrar e refazer suas trajetórias significou reconstruir a rede de relações na qual suas trajetórias se desenrolaram.

As relações engendradas no universo esportivo constituem os fios condutores das narrativas e nosso ponto de análise. Estas relações foram organizadas por sistemas normativos que regularam sujeitos, corpos e práticas no interior da instituição, criando uma ambiência de negociações e disputas, na qual homens e mulheres engendraram suas histórias.

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA OBRIGATÓRIA: MULHERES À MARGEM

A federalização da UREMG desenha novos contornos para o esporte universitário viçosense, especialmente no que diz respeito à participação de mulheres. A ampliação do número de cursos implicou em um aumento significativo do quadro de discentes, docentes e funcionários na instituição. Até 1969, a presença de mulheres na Universidade era pequena, transitando especialmente pelo grupo formado por funcionárias, esposas dos professores e dos funcionários, estudantes e docentes da Escola Superior de Ciências Domésticas.

Somado a este contexto, encontra-se uma nova fase no esporte universitário de todo país. A partir do Decreto-Lei 69.450 de 1971, torna-se obrigatória a prática de Educação Física em todos os níveis da educação brasileira. De acordo com o documento, no nível superior, em prosseguimento ao trabalho iniciado nos graus precedentes, as aulas de Educação Física deveriam predominantemente ter natureza

desportiva e suas atividades direcionadas à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário, à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade. Desse modo, a Universidade em consonância com os objetivos militares expressos no Decreto, por meio de consecutivas medidas administrativas tornou-se um pólo esportivo universitário de destaque em Minas Gerais e no país.

Nesse período, a instituição contratou professores e professoras de Educação Física, investiu em formação de pessoal, substituiu a antiga Praça de Esportes por uma moderna Praça e criou o Serviço de Educação Física em 1972 para o cumprimento do Decreto, culminando com a implantação do curso superior de Educação Física em 1975.

Se por um lado o Decreto elege a Educação Física obrigatória como prática disciplinadora de corpos, por outro instala um novo momento para o esporte universitário. A prática da Educação Física e do desporto estudantil no ensino superior, de acordo com o documento, deveria ser realizada por meio de clubes e deveriam estar filiados à Associação Atlética da respectiva universidade. Caberia aos clubes, dirigidos pelos estudantes e supervisionados pelos professores de Educação Física, o desenvolvimento de atividades físico-esportivas no espaço universitário.

Competia ao Serviço de Educação Física receber o(a) estudante, verificar as suas condições de saúde e encaminhá-lo(a) a um dos clubes (turmas de basquete, voleibol, futebol de campo, atletismo, ginástica feminina). Assim, o(a) professor(a) responsável verificava as tendências desportivas dos(as) ingressantes, promovendo ao acadêmico e à acadêmica uma formação esportiva adequada às suas capacidades (ROSADO, 2011).

A obrigatoriedade da prática físico-desportiva introduziu mulheres em um campo antes ocupado predominantemente por homens, pois ao matricular-se na universidade a estudante imediatamente deveria filiar-se a um clube esportivo. Entretanto, a

análise das trajetórias de vida esportiva das ex-atletas evidencia que naquele período não era permitido às mulheres escolher a modalidade esportiva de sua preferência como previa o Decreto-Lei de 1971. As estudantes eram direcionadas àquelas práticas físico-desportivas que não desorganizavam a coerência entre características sexuais e de gênero expressa pelos discursos militar, médico e androcêntrico previstos desde o Decreto-Lei 3.199 de 1941 que oficializou a interdição de mulheres às práticas consideradas violentas e inadequadas para mulheres.

Assim, a inserção de mulheres nos clubes não as vinculava à Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVE) que era a representação máxima do esporte institucional. A seleção de atletas da Liga acontecia durante os Jogos Universitários realizados anualmente e as estudantes não participavam dos jogos, pois não conseguiam formar equipes para competir devido ao número reduzido de mulheres em modalidades coletivas. Desse modo, a Educação Física obrigatória assegurou que as mulheres se mantivessem à margem do esporte competitivo universitário.

Existia uma marcada diferenciação entre as aulas de Educação Física obrigatória que compreendiam atividades lúdicas, recreativas, ginástica, voleibol e natação destinada a todas as estudantes, e os treinamentos da LUVE destinados a formação de equipes para competições a nível local e nacional. Assim, grande parte das estudantes não era encaminhada às equipes da LUVE, já que este era um espaço de reserva masculina dentro da Universidade.

As narrativas falam sobre a dificuldade de montar equipes para os esportes coletivos, pois muitas vezes o número de atletas do sexo feminino era insuficiente e a iniciação esportiva dependia em larga medida da motivação de mulheres que se disponibilizavam a treinar mais de uma modalidade para completar o número de atletas na equipe. Assim, durante os anos iniciais da década de 1970, as equipes de diferentes modalidades coletivas contavam com as mesmas atletas, o que impediu o aperfeiçoamento técnico em modalidades específicas.

Aquelas atletas que não conseguiram permanecer na prática esportiva coletiva, se deslocaram para o atletismo desorganizando, em certa medida, a cena universitária. De acordo com as narrativas, o uniforme curto, os músculos delineados, o vigor físico, a especialidade técnica e o comportamento diferenciado eram identificados pela comunidade acadêmica como atitude vulgar e inadequada para mulheres ou com desconfiança em relação à feminilidade das atletas.

Devide (2005) nos auxilia nesta reflexão. Para o autor, o ideal vitoriano de feminilidade associado à fragilidade, passividade, graça, beleza, entram em conflito com as imagens sociais do esporte competitivo como a agressividade, proeza, vigor. Dessa forma, as representações construídas ao longo da história, posicionam homens e mulheres nas práticas esportivas. Assim, o espaço esportivo universitário viçosense se organizou em conformidade com as representações e discursos da época. A prática esportiva feminina na Universidade estava restrita às aulas de natação e voleibol. Os mecanismos institucionais, que iam desde a escolha das modalidades e dos horários dos treinos, até a liberação de recursos materiais e financeiros para as equipes, encarregavam-se de regular estas práticas. Aquelas mulheres que decidiam pela vida esportiva na Universidade tiveram que encontrar mecanismos que assegurassem sua prática.

As narrativas nos permitem refletir como o gênero opera na instituição delineando caminhos diferentes na trajetória de homens e mulheres no espaço esportivo. A inserção feminina no esporte universitário se deu de maneira bastante similar com aquela observada por Mourão (2000, p. 7) "[...] por um processo de infiltração lenta e progressiva, na prática, sem o discurso de contestação por parte das mulheres, com as vicissitudes próprias de um movimento desse tipo."

O que existia para mulheres na Universidade eram as modalidades oferecidas para o cumprimento do Decreto-Lei na educação superior: natação e o voleibol. Aquelas estudantes que chegavam ao esporte universitário pelo caminho da prática em Clubes Esportivos de suas cidades, ou com grande experiência pela prática

das modalidades na escola, apresentavam um nível técnico elevado, e ao se submeterem à seleção do Serviço de Educação Física, não encontravam espaço de treinamento junto às equipes femininas, pois, como já explicitado, as atividades físico-desportivas para mulheres apresentavam, até 1975, um caráter recreativo e não existia um número suficiente de estudantes para formar equipe objetivando competições oficiais. Desse modo, estavam definidas as modalidades de acesso à prática esportiva, asseguradas pelas representações sociais sobre o corpo feminino. Contudo, a partir da criação do curso de Educação Física, uma nova configuração do esporte universitário começa a ser desenhada.

3.2 A CRIAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: MULHERES NO JOGO

Desde a fundação da Liga Universitária Viçosense de Esportes em 1962, além do número reduzido de mulheres filiadas, a presença de mulheres na diretoria transitou entre os cargos de secretaria e tesouraria⁵. Todavia, a partir de 1975, com a criação do curso de Educação Física, as mulheres assumiram outras funções, especialmente nas diretorias e constituição das modalidades femininas de atletismo, vôlei, handebol, basquete e natação. Para as mulheres sportistas, este período foi o marco de sua institucionalização.

A implantação do curso de Educação Física modificou o cenário esportivo universitário. Antes da criação do curso, a Universidade já se destacava nos Campeonatos Universitários Estaduais e Nacionais, especialmente através das equipes masculinas e o atletismo feminino. Contudo, a partir de 1975, devido ao elevado nível técnico das estudantes de Educação Física que ingressaram no curso, a Universidade amplia o número de atletas do sexo feminino filiadas à LUVE.

⁵Em 48 anos de história, a LUVE apresentou trinta e uma secretárias, oito tesoureiras, quatorze técnicas, vinte e três diretoras, seis vice-presidentes e apenas duas presidentes. A participação de mulheres se destacou no ano 2009, em que onze, dos treze membros, eram mulheres. Recentemente, mulheres assumiram o cargo de técnica assistente de equipes masculinas, não havendo na história da Liga, até o presente momento, uma equipe masculina comandada por uma mulher.

O ano de 1975 representou um momento de grande tensionamento no que se refere à participação de estudantes do curso de Educação Física na LUVÉ, pois de acordo com as entrevistadas, os cursos já filiados à LUVÉ e a própria diretoria, receavam que a entrada de estudantes "especializados" em esportes pudesse mudar os rumos da instituição esportiva, que desde sua origem, estava sob o comando dos cursos da área de Ciências Agrárias.

Sendo a LUVÉ dirigida desde sua criação pelos estudantes dos cursos das Ciências Agrárias, um saber por excelência masculino, podemos dizer que este espaço era um espaço também masculino. Nas palavras de Goellner (2005), um espaço generificado, de produção e reprodução das relações desiguais de gênero, que reiterou historicamente, a organização esportiva universitária enquanto um espaço de homens e para homens. As poucas mulheres que por ele transitavam até os anos de 1970, eram figurantes no espetáculo esportivo. Dessa maneira, a presença feminina a partir da criação do curso de Educação Física, colocou em risco a organização hierárquica e desigual entre homens e mulheres no cenário esportivo universitário.

Desde 1963, a LUVÉ organizou as Olimpíadas Internas que congregavam os valores que permeavam a vida estudantil e o cotidiano da Universidade, entre eles a lealdade, cooperação, solidariedade, patriotismo, honestidade, competência e sentimento de família.

Em 1975, a implantação do curso de Educação Física e a expressiva participação das estudantes do curso na diretoria e nas equipes da LUVÉ imprimiram um novo desenho aos tradicionais Jogos Universitários. A partir daquele ano, os Jogos aconteceram principalmente nas dependências do Departamento de Educação Física da UFV. Esta mudança de local influenciou, em certa medida, a construção de novos significados para os Jogos, agora não mais sob a égide do prédio principal, monumento que solidificava os ideais da instituição.

A lembrança dos Jogos imprime nas narrativas um colorido diferenciado. As imagens do ginásio de esportes, da torcida, da fanfarra, das equipes e das disputas acirradas passeiam pela memória das mulheres entrevistadas. As narrativas expressam estes contextos históricos e junto com eles, as entrevistadas vão costurando as lembranças do processo de inserção e atuação feminina na LUVE, orientando a compreensão da participação de mulheres no espaço esportivo.

3.3 OUTROS JOGOS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Neste universo cultural dado, quais seriam as práticas esportivas adaptáveis ao corpo da mulher? A história esportiva da Universidade nos mostra que seriam a natação, o voleibol e a ginástica, entre outras modalidades que não apresentassem riscos à graciosidade e ao destino biológico/materno do corpo feminino. Como estes padrões esportivos se inscreveram na organização do esporte universitário viçosense adequando práticas corporais específicas para cada sexo? Como as mulheres se posicionaram neste espaço? Acreditamos que a partir das teorizações propostas por Scott (1990), Foucault (1997) e Bourdieu (1997) seja possível esta reflexão.

As relações estabelecidas na LUVE nos fazem pensar no que diz Scott (1990) sobre a categoria gênero. Para a autora, masculinidade e feminilidade são construções históricas, sendo o gênero "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1990, p. 14).

As experiências expressas nas narrativas das mulheres entrevistadas são atravessadas por relações de poder que as localizam em determinados lugares nos quais foram construídas suas subjetividades e a maneira pela qual se percebiam e eram percebidas pelos outros grupos. Nessa análise utilizamos o argumento teórico de Foucault (1997) que considera os discursos como meio privilegiado de ordenar e normatizar as práticas sociais. Através dos discursos reguladores e normatizadores as práticas culturais posicionam os indivíduos, direcionando suas experiências e produzindo sujeitos

específicos. Para o autor, nossas experiências subjetivas são reguladas por princípios de normalidade e anormalidade garantidos pelo saber, pela ciência e pelas relações, pelos jogos de poder que se estabelecem entre os grupos.

O poder para Foucault (1997) não é entendido como um sistema geral de dominação, coerção, violência ou sujeição exercida por um elemento ou grupo sobre outro, mas por tensionamentos, ou "[...] como a multiplicidade de correlações de força imanente ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte [...]" (FOUCAULT, 1997, p. 88).

Nesse sentido, a instituição foi um espaço no qual circularam jogos de poder fundamentados nas relações desiguais de gênero. Os discursos de feminilidade e masculinidade presentes na instituição e no espaço esportivo universitário engendraram relações posicionando os sujeitos. Estes discursos se inscreveram nos corpos produtores e produtos das relações que o significavam.

Utilizando-se de diferentes estratégias as mulheres negociaram tacitamente lugares na instituição esportiva ocupando diferentes posições de sujeitos. No campo de correlações de forças as mulheres esportistas ao buscarem potencializar sua participação engendraram diferentes estratégias de negociação e disputas. Envolveram-se em mais de uma modalidade esportiva, organizaram suas próprias viagens, compraram uniformes, assumiram cargos técnicos e de diretoria, praticaram modalidades ditas masculinas. Dessa forma, à medida que foram ressignificando o universo esportivo, produziram novas subjetividades, práticas e formas de viver e de pensar a atuação de mulheres no esporte universitário viçosense.

A memória da participação esportiva de mulheres na Universidade emerge de um grupo que ela une (NORA, 1993). Este grupo não é homogêneo, pois abriga múltiplas e diferentes experiências. Nas palavras de uma das mulheres entrevistadas, ele é um grupo atípico.

O campo teórico no qual este artigo foi construído rejeita a idéia de uma identidade única, estável, fixa denominada "mulher" sobre a qual vão sendo adicionadas vivências e experiências que formam sua feminilidade. Entendemos que masculinidades e feminilidades se constroem nas relações sociais e que existem diferentes maneiras de se vivê-las. Nesse sentido, o que vincula as esportistas da Universidade dos anos de 1970? Podemos dizer que são suas práticas no universo esportivo, muito mais do que o fato de serem mulheres. Podemos dizer que o grupo atípico foi aquele composto pelas atletas que instauraram uma nova maneira de se pensar a mulher no esporte universitário viçosense.

Para além das interdições citadas anteriormente, algumas mulheres - consideradas neste trabalho como pioneiras - envolveram-se com os esportes subvertendo, em certa medida, discursos, abrindo e demarcando caminhos para a participação feminina no esporte universitário viçosense. Mesmo que a estas pioneiras seja concedido um espaço em práticas como a ginástica, o voleibol e a natação, suas ações puderam criar brechas neste campo eminentemente de domínio masculino, conquistando novos espaços e anunciando um novo tempo.

O esporte universitário viçosense se organizou a partir da oposição masculino-feminino. Mas podemos afirmar que no interior desta organização outras relações foram possíveis. A noção fixa de um jeito de ser natural feminino ou masculino fissura diante as experiências múltiplas de mulheres na instituição. No interior deste grupo de atletas, feminilidades e masculinidades estavam em jogo. A aparência corporal atravessada por discursos que identificam o que é ser masculino e feminino aparece nas narrativas como sinalizadores da posição dos sujeitos no grupo.

As representações sobre corpos masculinos e femininos quando fundadas no binarismo apontam para estereótipos que buscam fixar características, atributos, comportamentos e formas de ser homem ou mulher. Dessa maneira mulheres que vivenciaram esportes ditos masculinos contribuíram para a construção de uma nova configuração do esporte universitário.

A LUVE representou um espaço carregado de sentido e simbolismo para a sociedade viçosense e para os estudantes e as estudantes da Universidade. Pertencer a essa agremiação outrora, refletia no imaginário social um poder no espaço acadêmico, especialmente para os homens. A inserção de mulheres neste cenário contribuiu para a construção de outras representações sobre a prática feminina universitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos de 1970 a participação de mulheres no esporte universitário viçosense dá continuidade ao processo iniciado nos anos de 1930 se concentrando nas modalidades de voleibol e natação, práticas que não colocavam em risco a feminilidade da estudante, além de contribuir para a manutenção e preparação de um corpo saudável para a maternidade. Contudo, algumas mulheres se vincularam a outras modalidades esportivas, em uma movimentação autônoma, se infiltrando e desestabilizando o terreno esportivo masculino criando um ambiente propício ao surgimento de novas representações e práticas sociais.

A análise das trajetórias das ex-atletas entrevistadas desconstrói visões universais sobre a prática esportiva na Universidade, questionando a oposição binária e hierárquica nos termos da percepção das diferenças sexuais. Nossa análise evidenciou, portanto, uma situação aparentemente ambígua. Se por um lado a inserção de mulheres na cena esportiva universitária se fez pela presença feminina em práticas normatizadas e consentidas pelos discursos médico e androcêntrico em modalidades consideradas femininas, paradoxalmente, o contexto criado pelo Decreto-Lei de 1971, estimula a entrada de mulheres em modalidades de reserva masculina, possibilitando novas formas de se pensar e viver as feminilidades e masculinidades no universo esportivo.

Tal situação estimula a reflexão sobre as velhas noções e preconceitos construídos sobre a participação de mulheres no cenário esportivo universitário. Mesmo que esta participação tenha

aumentado significativamente nas últimas décadas, os modos de organização esportiva na Universidade ainda se apresentam de forma hierárquica e desigual entre homens e mulheres. Ao longo da história esportiva da Universidade foram e ainda o são, diferentes e desiguais os incentivos à prática esportiva, os apoios, as premiações, as condições de acesso, as visibilidades, seja no âmbito da participação ou na gestão esportiva. Contudo, acreditamos que ao evidenciar experiências esportivas que escapam a lógica do binarismo, estamos contribuindo para a construção de novas práticas que percebam as diferenças entre os sexos enquanto uma construção social, e, portanto, mutável e passível de superação.

The participation of women in college sports: a field in dispute

Abstract: This paper is part of a master's dissertation based in gender studies and oral history. Beginning with the trajectory of nine ex-athletes of the 1970's, it tries to comprehend the early participation of Viçosense women in university sports. In that decade, the relations developed in the world of university sports, a space conceived by men and for men, act as the thread to these narratives. These relations were organized on behalf of normative systems that regulated citizens, bodies, and practices inside the institution, creating an environment of negotiations and disputes in which men and women shaped their history.

Key words: Women. Sports. Oral history. Gender Identity

La participación de mujeres en el deporte universitario: un campo en disputa

Resúmen: El artículo hace parte de una sustentación de maestrado, basada en los estudios de género y en la historia oral el cual busca cuestionar, a partir de las trayectorias de vida de nueve ex-atletas de la década de 1970, la participación de mujeres en el deporte universitario viçosense. Se constituye las líneas conductoras de las narrativas, las relaciones construidas en el universo deportivo universitario, un espacio concebido por hombres y para hombres. Estas relaciones fueron organizadas por sistemas normativos que regularon sujetos, cuerpos y prácticas al interior de la institución, creando un ambiente de negociaciones y disputas en el cual hombres y mujeres engendraron sus historias.

Palabras-claves: Mujeres. Deporte. Historia Oral. Identidad de Género

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 11-30, abr/jun de 2013.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 153-171, jan./abr. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Maria de Fátima. **O sorriso da paineira**: construção de gênero em Universidade Rural. 1995. 306 f. Tese (Doutorado) - Programa Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola. 2005.

MOURÃO, Ludmila. A representação social da mulher na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. São Paulo: EDUC, 1993.

ROSADO, Daniela Gomes. Banco de dados dos jornais oficiais da UFV (1965-2010): Educação Física, Esporte e Lazer, 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

Endereço para correspondência:

Jaqueline Cardoso Zeferino

Campus Universitário-Viçosa, MG, Departamento de Educação Física,

CEP 3657000 - fone: (31) 38992248

Recebido em: 27.10.2011

Aprovado em: 22.12.2012